



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARIA DA GUIA GOMES

**A ARTE COMO INSTRUMENTO DE HUMANIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL
NA PERSPECTIVA INCLUSIVA**

CAMPINA GRANDE - PB

2021

MARIA DA GUIA GOMES

**A ARTE COMO INSTRUMENTO DE HUMANIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL
NA PERSPECTIVA INCLUSIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Área de Concentração: Educação

Orientadora: Prof^ª. Ma. Rosemary Alves de Melo

CAMPINA GRANDE – PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633a Gomes, Maria da Guia.

A arte como instrumento de humanização na educação especial na perspectiva inclusiva [manuscrito] / Maria da Guia Gomes. - 2021.

45 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Rosemary Alves de Melo ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Necessidade educacional especial. 2. Educação
inclusiva. 3. Ensino regular. 4. Ensino de arte. I. Título

21. ed. CDD 371.9

MARIA DA GUIA GOMES

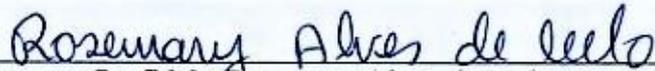
**A ARTE COMO INSTRUMENTO DE HUMANIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL
NA PERSPECTIVA INCLUSIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, em cumprimento para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Área de Concentração: Educação

Aprovada em: 14/10/2021

BANCA EXAMINADORA


Profª Ma. Rosemary Alves de Melo
(orientadora)



Profª. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro



Profª. Ma. Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro

“Especificamente humana a educação é gnosiológica, é diretiva, por isso política, é artística e moral, serve-se de meios, de técnicas, envolve frustrações, medos, desejos.”

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

À vida, ao renovo de cada manhã que me faz seguir em frente.

À minha orientadora Prof^ª. Ma. Rosemary Alves de Melo, pelas orientações, compreensão e respeito.

À minha filha, Mariana Gomes Costa, pela companhia, o incentivo e o carinho.

À minha mãe, Severina Gomes Barbosa (em memória), pela sua história de luta e fé.

Às minhas amigas, Jacqueline Fernandes, Manuele Félix, Ingrid Laís e Elson Silva parceiros de vários momentos vivenciados durante essa jornada.

A todos os professores da UEPB que durante esta caminhada compartilharam seus conhecimentos.

Às professoras participantes da pesquisa, por terem contribuído para realização desse trabalho.

RESUMO

A Arte como fonte de humanização proporciona aos sujeitos vários benefícios, entre estes a inclusão de crianças, jovens e adultos com Necessidades Educacionais Especiais na educação escolar, promovendo o diálogo e a participação em questões relativas ao contexto histórico, social e cultural. No trabalho com a arte na educação é possível desenvolver por meio de suas linguagens (Artes Visuais, Música, Dança e Teatro) diversas formas de expressão, de comunicação, de pensamento, de emoção e sentimento. Conhecimentos importantes para trabalhar a motivação, a autoestima no processo de inclusão escolar. A Convenção de Salamanca em 1994, traz novo cenário da educação apoiando a proposta de equalização de oportunidades para todos os cidadãos. Para efetivação das políticas de inclusão nas escolas, o Ministério da Educação adotou a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, objetivando políticas públicas que possibilitassem uma educação de qualidade para todos. Dada à relevância da luta histórica pela inclusão no contexto escolar, esta pesquisa objetiva mostrar a Arte como instrumento de humanização na Educação Especial na perspectiva inclusiva. O interesse pela temática partiu da experiência com a Arte Visual quando apoio escolar de alunos com NEE nas escolas da rede de Campina Grande-PB. Dessas vivências, duas estão descritas nesse trabalho que irá somar a uma análise documental de uma pesquisa qualitativa sobre o Ensino de Arte nas escolas municipais. Seis professoras do ensino regular anos iniciais do Ensino Fundamental contribuíram com as informações que foram coletados a partir de questionário *online*. Entre outros questionamentos focamos em como sendo desenvolvido o Ensino de Arte nas escolas, as dificuldades enfrentadas no processo de inclusão com alunos NEE; dificuldades desses alunos referentes a interação e socialização; concepção de Arte; mudanças observadas nos alunos nas aulas de Arte; conteúdos estudados para o planejamento das aulas. Ressalta-se a importância de aprofundamento da temática em estudos posteriores.

Palavras-chave: Inclusão. Arte. Ensino regular. Necessidade Educacional Especial.

ABSTRACT

Art as a source of humanization provides the subjects with several benefits, among them the inclusion of children, youngsters, and adults with Special Education Needs in school education, promoting dialogue and participation in issues related to the historical, social, and cultural context. When working with art in education, it is possible to develop through its languages (Visual Arts, Music, Dance, and Theater) various forms of expression, communication, thought, emotion, and feeling. Important knowledge to work on motivation, self-esteem in the process of school inclusion. The Salamanca Convention in 1994 brings a new scenario for education, supporting the proposal of equalization of opportunities for all citizens. To implement inclusion policies in schools, the Ministry of Education adopted the National Policy on Special Education from the Perspective of Inclusive Education, aiming at public policies that would enable a quality education for all. Given the relevance of the historical struggle for inclusion in the school context, this research aims to show the Art as an instrument of humanization in Special Education in the inclusive perspective. The interest for the theme came from the experience with Visual Art when supporting students with SEN in the schools of Campina Grande-PB. Two of these experiences are described in this work, which will be added to a documental analysis of a qualitative research about Art Teaching in municipal schools. Six regular classroom teachers from the early years of elementary school contributed with the information that was collected through an online questionnaire. Among other questions we focused on how Art Teaching is developed in schools, the difficulties faced in the process of inclusion with SEN students; difficulties of these students regarding interaction and socialization; conception of Art; changes observed in students in Art classes; contents studied for class planning. It is emphasized the importance of deepening the theme in further studies.

Keywords: Inclusion. Art. Regular Education. Special Educational Needs.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	A ARTE COMO INSTRUMENTO DE HUMANIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA.....	10
2.1	A Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva: um breve resumo da construção histórica.....	10
2.2	Aspectos Jurídicos	15
3	BREVE RESUMO DA ARTE E SUA HISTÓRIA	19
3.1	A Arte e suas linguagens no contexto da inclusão escolar	20
4	METODOLOGIA	24
5	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÕES DOS DADOS	26
5.1	O relato da vivência de alunos com Necessidades Educacionais Especiais com a Arte	26
5.2	O Ensino de Artes nas escolas da rede municipal de Campina Grande - PB	31
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	42
	APÊNDICE A: FORMULÁRIO PARA COLETA DE DADOS	44

1 INTRODUÇÃO

A Arte é inclusiva por ser um universo amplo de múltiplas formas de linguagens, com isso ela pode ser utilizada no contexto escolar como instrumento de inclusão social que viabiliza um saber sensível fundamental para formação humana como os princípios de sensibilidade, de afetividade e da expressividade, oportunizando a exteriorização do mundo interior e da personalidade dos indivíduos, aspectos facilitadores no processo de inclusão.

A Arte na Educação Inclusiva pode abrir inúmeras possibilidades, visto que, viabiliza os alunos com Necessidades Educacionais Especiais um novo olhar, um novo fazer diante de um mundo em constante transformação, levando-os a superar as barreiras, as limitações vivenciadas no cotidiano. Neste sentido, a arte atua como uma forma de humanização, o seu conhecimento vai além do ensinar formas e cores, na maioria vezes, o único modo de ensino nas escolas, ela trata de um conhecimento constituído ao longo da história. Dada à relevância, a instituição escolar deve levar esse saber para todos os alunos.

Portanto, um ambiente que trabalha e valoriza a diversidade é essencial para o desenvolvimento satisfatório do processo de inclusão escolar, neste sentido, a arte se apresenta como uma fonte de humanização nesse processo, visto que, leva os indivíduos a pensar, agir, expressar sentimentos conforme suas potencialidades e limitações.

A importância da temática abordada deu-se por interesse de pesquisar a inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais através da arte. Portanto, ela justifica-se, pela experiência vivenciada com a arte aliada ao processo de inclusão de crianças e adolescentes com NEE em salas de aula da rede municipal de Campina Grande-PB. Nesse período, foi observado que as artes visuais: o desenho, a pintura, a colagem, a literatura, a música e a escultura são importantes ferramentas que permitem crianças, jovens e adultos expressarem suas subjetividades, elevando a autoestima e a autonomia desses alunos.

Dessa forma, objetivou-se mostrar a Arte como instrumento de humanização no processo de inclusão de alunos com Necessidades Educacionais Especiais nas salas de aula do ensino regular, uma vez que, a educação é um direito de todos, sendo dever da sociedade respeitar as diferenças. No estudo, identificou-se algumas dificuldades apresentadas no processo de inclusivo desses alunos no contexto escolar como: a importância de uma

formação específica para os professores e professoras que atuam do ensino regular e o papel da família e da escola como fatores essenciais.

Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo com abordagem qualitativa, sendo utilizada como técnica de coleta de dados um questionário com questões abertas e fechadas. A metodologia contou com um relato de experiência de um profissional apoio escolar da rede de ensino de Campina Grande-PB, como também pesquisa participativa para obtenção e análises dos dados.

O objetivo geral foi apresentar a Arte como importante instrumento de humanização para o processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na educação escolar. Para tanto, os específicos são: mostrar a importância da arte no processo de inclusão de crianças e adolescentes no contexto escolar; reconhecer a arte como instrumento essencial para o desenvolvimento da autoestima, autonomia e participação dos alunos no ensino regular e identificar a Arte como um processo de humanização para os alunos com NEE.

O texto segue a seguinte organização, primeiro: a Arte como instrumento de humanização na Educação Especial na perspectiva Inclusiva, Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva: um breve resumo da construção histórica e Aspectos Jurídicos; segundo: Um breve resumo da Arte e sua História; A Arte e suas linguagens no contexto da inclusão escolar; terceiro: metodologia da pesquisa e quarto: apresentação do relato de experiência e discussão das análises sobre o Ensino de Arte no processo de inclusão nas escolas da rede de Campina Grande-PB, finalizando, apresentamos as considerações finais.

Como aporte teórico, a pesquisa buscou a contribuição de pesquisadores nas temáticas: Educação Especial na perspectiva inclusiva e da Arte como: Archer (2001); Cadermatori (1986); Carvalho (2012); Coli (1990); Ferraz & Fusari (1999); Freire (1996); Mazzota (1999) Montoan (2015); Vigotski (2014), entre outros trabalhos acadêmicos disponíveis para orientações: dissertações, monografias, revistas.

Dada à relevância da temática, vê-se a importância de pesquisas posteriores, pois, abordar a inclusão, junto com o ensino de arte no sentido de potencializar os alunos com NEE suscita de maiores questionamentos, discussões, considerando o número de estudos ainda pouco encontrados para consulta na literatura atual.

2 A ARTE COMO INSTRUMENTO DE HUMANIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA

A Arte está presente na vida do ser humano desde o início da história. Expressar-se por meio desta é algo que ocorre há milhares de anos, os primeiros habitantes da terra já sentiram esta necessidade, manifestando desejos, costumes, crenças em cavernas e pedras através da pintura. A expressão artística foi a maneira que o homem encontrou para dialogar e representar o seu meio social. Na sociedade contemporânea, no campo educacional, ela é uma proposta capaz de despertar no educando um novo olhar sobre a sua realidade e nela agir, nesse sentido, sabemos que a Arte vai além de tintas, pincéis e papéis é um universo abrangente, manifesta-se em diversas linguagens que proporcionam ao contexto escolar uma fonte de humanização imprescindível ao processo de inclusão de alunos com Necessidades Educacionais Especiais.

2.1 A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM BREVE RESUMO DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Historicamente a deficiência vem de uma trajetória política, social, e educacional marcada por exclusões, omissões, abandonos que se manifestaram desde os tempos longínquos através das mais diversas formas de perversidade do homem. Relatos históricos mostram que na Grécia antiga, sociedade que supervalorizava corpo e mente saudáveis, prevalecia o ideal de homens perfeitos, fortes e sábios (CARVALHO 2016). Nesse contexto, as crianças nascidas disformes eram consideradas subumanas e não tinham nada a contribuir com a sociedade, a sentença era a morte ou abandono.

Não diferente, na Roma antiga a deficiência também era tratada com discriminação, preconceito e desprezo, reveladas pelas superstições, ignorância e obscurantismo, crianças malformadas eram desprezadas, atiradas no mar ou queimadas. Considerados inúteis, os deficientes eram descartáveis, sacrificados ou deixados à mercê da sorte em lugares perigosos, outras eram jogadas em rios ou em locais considerados sagrados.

Posteriormente, na Idade Média, considerada a fase da segregação institucional, os deficientes foram considerados loucos e indignos eram retirados da sociedade e colocados em orfanatos, manicômios, prisões e outros tipos de instituições, juntamente com os velhos,

pobres, delinquentes e assassinos. Assim, por muitas gerações esses indivíduos foram rotulados como fracassadas, inúteis, sendo ignorados e estigmatizados ao longo da história.

Na sociedade da modernidade com a chegada e expansão da industrialização, o uso de máquinas e a alta produção em série para atender as demandas do mercado, passa a exigir um sujeito apto ao trabalho, com isso homens, mulheres, jovens e crianças se amontoavam nas fábricas em prol do mundo de produção capitalista. Nesse contexto, aqueles que não preenchiam os critérios exigidos pelo modelo competitivo emergente eram excluídos e discriminados socialmente.

No que tange à educação, desde XVIII o educador Pestalozzi (1746-1827) se preocupou com a educação humanizada, criando escolas especiais para crianças com deficiências física ou mental. Já Froebel (1782-1852) destacou as ocupações manuais, a exemplo dos jogos para as pessoas com deficiência mental, constituindo um dos pontos altos da educação para a época. Mais tarde, a médica e educadora Maria Montessori resolveu pesquisar um programa de educação para crianças com deficiência intelectual nos internatos de Roma, a partir daí, defendeu a ideia de que o desenvolvimento das crianças com deficiência fosse mais pedagógico antes de ser clínico. Ela ainda enfatizou que as crianças e jovens deveriam ser ensinadas em instituições e com professores bem-preparados, observadores do desenvolvimento e aprendizagem desses alunos.

No Brasil a Educação Especial, anteriormente, denominada educação do deficiente se constituiu com a participação da sociedade civil. O poder público iniciou ações elementares nesse campo quando, segundo o Ministério da Educação (BRASIL, 2007), o atendimento aos indivíduos com deficiência teve seu marco inicial na época do Brasil Império em que foram fundadas duas instituições: o Instituto dos Meninos Cegos em 1854, atual Instituto Benjamin Constant (IBC) e o Instituto dos Surdos Mudos em 1857, hoje Instituto Nacional da Educação dos Surdos (INES) os dois no Rio de Janeiro. Após essas iniciativas, em 1874 é criado na Bahia o Hospital Juliano Moreira, iniciando no país a assistência médica aos indivíduos com deficiência intelectual.

Após essas iniciativas, outras medidas assistencialistas surgiram e expandiram-se pelo país, algumas delas ainda presentes na sociedade atual, é o caso da Associação de Assistência à criança defeituosa – AACD fundada em setembro de 1950. Continuando com esse modelo de assistência voltada para o atendimento especializado à pessoa com deficiente, no início do século XX, a pesquisadora Helena Antipoff criou a Sociedade Pestalozzi no estado de Minas Gerais, posteriormente, essas instituições foram estendidas para outros estados brasileiros

(CAMPOS, 2003). Além do Instituto Pestalozzi a pesquisadora participou da implantação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais- APAE.

A negligência do poder público, perante sua responsabilidade com crianças, jovens e adultos com necessidades especiais, contribuiu para a formação de escolas e outros segmentos sociais discriminatórios, fato que limitou a escolarização a um grupo seletivo e homogêneo de pessoas. Sobre esse modelo de atendimento, Mazzota (1999, p.190) afirma que “uma das principais tendências da educação especial no Brasil tem sido a ênfase ao atendimento segregado em instituições especializadas particulares, em detrimento ao atendimento educacional integrado nas escolas públicas.”

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4.024/61 em seu artigo 88 trouxe o direito à educação aos “alunos excepcionais” assim denominados, em escolas regulares, isto é, crianças e jovens portadoras de alguma deficiência ou superdotadas frequentarem as salas de aula dos considerados “normais” socialmente. A proposta era integrá-los à comunidade, utilizando as mesmas condições do ensino comum.

Uma década depois, houve um retrocesso na política inclusiva brasileira, a lei 5692-71, em seu artigo 9º, reforça a existência das escolas especiais para alunos com deficiência aumentando a segregação desses alunos. Nesse período, foi criado o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), órgão responsável pela educação especial no Brasil, difundindo o movimento da integração escolar dos alunos com restrições físicas ou mentais. (BRASIL, 2001). Diante do exposto nas leis, fica evidente que, mais uma vez, os legisladores não deram a devida relevância à Educação Especial seguindo apenas com o processo de integrar e não de incluir essa parcela da população.

Atualmente a Educação Especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, tem a incumbência de realizar o atendimento educacional especializado e disponibiliza os serviços e recursos próprios desse atendimento, orientando os alunos e seus professores quanto a sua utilização nas turmas comuns do ensino regular.

A Declaração de Salamanca em 1994 tem como marco o início da caminhada para a Educação Inclusiva. Compreendida como a Educação Especial dentro da escolarização regular, a Educação Inclusiva vem transformando a escola em um espaço de direito para todos. Pois, ela oportuniza a diversidade com a visão de que todos os alunos podem ter necessidades especiais em algum momento de sua vida escolar, assim sendo, a Educação Inclusiva significa educar todas as crianças, jovens e adultos em um mesmo ambiente escolar.

Com o objetivo de promover uma Educação para Todos, a Educação Inclusiva se define com uma política de justiça social que integra alunos com necessidades especiais. Assim, Declaração de Salamanca afirma que:

O princípio fundamental desta linha de Ação é de que as escolas devem acolher todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem-dotadas, crianças que vivem nas ruas e que trabalham, crianças de minorias linguística, étnicas ou culturais e crianças e crianças de outros grupos ou zonas desfavoráveis ou marginalizadas (1994, p. 17- 18)

Neste sentido, são considerados alunos com Necessidades Educacionais Especiais aqueles que têm impedimentos de longo prazo de natureza intelectual, física, mental e sensorial, e nessa condição, sejam impedidos de ter uma participação plena e efetiva na sociedade e na escola. Portanto, destina-se à pessoas com necessidades especiais no campo de aprendizagem originadas quer de deficiência física, sensorial, mental, ou múltipla, quer de características como altas habilidades ou superdotação

A busca pela efetivação das políticas públicas referente à Educação Especial, no âmbito do governo federal, foi ampliada por meio de ações tais como: implantação de salas de recursos multifuncionais; formação continuada para os profissionais da educação e recursos humanos na figura do apoio escolar.

Na proposta de assegurar o direito de aprendizagem de forma integral para alunos(as) com NEE no ensino regular foi solicitado o profissional de apoio escolar, que tem como função acompanhar e auxiliar nas necessidades e cuidados referente aos aspectos de locomoção, de higienização, de aprendizagem, de socialização, entre outros, contribuindo com a redução do processo exclusão dessas pessoas no ambiente escolar. É um Profissional de grande importância para realização do processo de inclusão escolar na sua totalidade, porém, ainda é bastante discriminado, e, na maioria das vezes, faz o trabalho isolado sem o apoio da equipe escolar, isso termina prejudicando o desenvolvimento do aluno além de gerar insegurança e dúvidas.

Tais exigências na atual política de inclusão vão modificar as instituições escolares, visto que, estas devem se adaptar as necessidades dos alunos com NEE e oferecerem condições de aprendizagem aos mesmos, situação até então negada a esses indivíduos. As adaptações conforme as necessidades dos alunos ajudam a aceitarem o novo, o diferente. Nas palavras de Sousa (2011, p. 24) “A deficiência do aluno só será superada de acordo com as

condições de aprendizagem, recursos pedagógicos e atendimento adequado que a escola proporcionar a ele.” Percebe-se que são as ações proporcionadas pela instituição escolar que irão fazer a diferença no processo de inclusão não o contrário.

A educadora e pesquisadora na temática Teresa E. Mantoan (2013, p. 30) destaca que: “ainda é difícil distinguir a Educação Especial, tradicionalmente conhecida e praticada, de sua nova concepção, quando presente no ensino escolar e complementar à formação dos alunos com deficiência do atendimento educacional especializado.” Para a referida autora, o ensino escolar ainda persiste na continuidade do modelo tradicional de Educação Especial mesmo com as mudanças constitucionais ocorridas desde a Constituição Federal de 1988.

O texto constitucional destaca que a escola deve matricular todos os alunos sem discriminar qualquer pessoa em razão de sua deficiência ou sob qualquer outro pretexto, realizar as adaptações necessárias para que eles tenham seu direito à educação garantido. Como também, precisa fornecer atendimento educacional especializado, apoio escolar e capacitação para os profissionais que lidam com esse público específico. Sobre a proposta de reorganização das escolas, Mantoan (2015) destaca que:

A reorganização das escolas depende de um encadeamento de ações centradas no projeto político pedagógico. Esse projeto, que já se chamou de “plano escolar” e de outros nomes parecidos, é uma ferramenta de vital importância para que as diretrizes gerais de organização/funcionamento da escola sejam traçadas com realismo e responsabilidade. (MANTOAN, 2015, p. 67)

O Projeto Político-Pedagógico (PPP) é a identidade da instituição escolar, portanto, a melhor ferramenta para desenvolver um projeto curricular que regulariza o reconhecimento e o respeito às diferenças, a heterogeneidade. Ele é o documento que leva a reflexão sobre as demandas e necessidades das comunidades escolares, suas particularidades, potencialidades e limitações, proporcionando inúmeras possibilidades de efetivação do processo de educação inclusiva que precisa ir além dos muros das escolas.

Ao trilhar um caminho pautado na perspectiva democrática de educação, a instituição escolar deve propiciar um ambiente prazeroso, enriquecedor e humanizado com propostas pedagógicas inclusivas que possibilitem a promoção políticas de acesso e permanência de todos nas salas regulares. Neste sentido, o professor tem um papel significativo, uma vez que, parte considerável do processo inclusivo depende de suas ações. Seu preparo, sua dedicação e seu empenho são fatores fundamentais. Com isso, a prática cotidiana precisa ser modificada para que possa atender essa demanda que cresce constantemente em diferentes

especificidades, e, na maioria das vezes, esse profissional não recebe nenhuma formação específica para receber esse público.

No que se refere à formação do professor para trabalhar com a Educação Inclusiva Mantoan (2015, p. 81) afirmar que: “Formar o professor na perspectiva da educação inclusiva implica ressignificar o seu papel, o da escola, o da educação e o das práticas pedagógicas usuais do contexto excludente do nosso ensino, em todos os níveis.” Dessa forma, é preciso entender que o trabalho formativo que leva à ressignificação do processo de inclusão nas escolas não é só responsabilidade do professor, mas direcionado a todos que fazem educação e desejam que ela seja para todos.

2.2 ASPECTOS JURIDÍCOS

No Brasil os documentos favoráveis à inclusão foram fortemente influenciados por movimentos e declarações internacionais, o primeiro foi a Declaração Universal dos Direitos Humanos adotada e proclamada em Paris pela Assembleia Geral das Nações Unidas em dezembro de 1948. Seguindo esse caminho, Constituição Federal de 1988 traz um importante destaque em seu texto ao enfatizar no Capítulo III, Artigo 205 que “a educação é um direito de todos”. Assim, mesmo sem estar claramente destacado no documento oficial, o atendimento educacional de pessoas com necessidades educacionais especiais tornou-se uma garantia.

No início da década de 90 aconteceram dois eventos importantes. A nível nacional, temos a legalização do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) instituído pela Lei 8.069/1990, que traz no Art. 55 dispositivos legais determinando que “os pais ou responsáveis têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino” (BRASIL, 2001). O Estatuto da Criança e do Adolescente foi elaborado com base nas contribuições dos movimentos de luta em defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes e da Constituição Federal de 1988.

A denominada Década da Educação, no âmbito internacional, é realizada em março de 1990 a Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jomtien na Tailândia. Nessa Conferência foi relatado os altos índices mundiais de crianças, adolescentes e jovens sem escolarização, diante dessa situação foi firmado acordos com os países participantes, entre estes o Brasil foi signatário em promover transformações nos sistemas de ensino para assegurarem o acesso e a permanência de todos à educação. A partir desse contexto, as

políticas educacionais brasileiras foram idealizadas com o foco nas seguintes ações: redução de índices de analfabetismo, no atendimento às desigualdades regionais, diminuição dos índices de evasão escolar e repetência e superação de problemas de aprendizagem.

Seguindo as mudanças institucionais, em 1996, a educação brasileira tem nova legislação. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96, em seu Capítulo V, da Educação Especial, destaca no (Art. 58) que: “Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos que apresentam necessidades educativas especiais.” Conforme a Lei acima citada, há um entendimento de que a interação, o convívio com outras pessoas é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social desses alunos.

Sobre a efetivação das políticas de inclusão nas escolas, o MEC adotou a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, objetivando políticas públicas que possibilitassem uma educação de qualidade para todos. Ainda se referindo ao artigo 58 da LDB/1996, parágrafos I e II afirmam que:

§1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial.

§2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular (BRASIL, 1996).

Em 1994, em Salamanca na Espanha é realizada a Convenção de Salamanca que tem como objetivo fornecer diretrizes básicas para a formulação e reforma de políticas dos sistemas educacionais, seguindo o movimento de inclusão social. Considerado um dos principais documentos mundiais que tratam da inclusão de educandos/as com NEE, incluindo os (as) que necessitassem de acompanhamento especializado e individualizado, em classes de ensino regular. Nessa visão, escola inclusiva passa a ser um espaço de direito no qual todos os alunos(as) têm as mesmas oportunidades de ser e estar de forma participativa.

Neste sentido, nota-se que a educação especial na perspectiva inclusiva, após anos de luta contra a segregação, a exclusão, vem ao longo dos anos adquirindo legitimidade, e, com isso, conquistando espaços, conhecimentos científicos e melhorias no atendimento desse público específico. De acordo com a Declaração, os princípios por ela defendidos é que as escolas e seus projetos pedagógicos se adequem às necessidades dos indivíduos nelas matriculados.

A educação inclusiva, enquanto conceito e proposta institucional, teve avanços significativos ao longo dos anos 90 do século XX, encaminhados por vários movimentos de luta em prol de uma política de inclusão. O Ministério da Educação através do Decreto nº 6.571/2008 instituiu a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva inclusiva. O documento tem o propósito de atender à crescente demanda pelo atendimento educacional especializado para todos os alunos com deficiência na rede de educação pública e privada. Por instrumento legal são anuladas as salas de classes especiais e passou a garantir a inserção desses educandos em salas de aulas regulares no convívio com seus pares. Assim, enfatiza o referido documento destaca que:

A política de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva argumenta que na perspectiva inclusiva a educação especial passa a contribuir com a proposta pedagógica da escola, definindo como público-alvo os alunos com deficiência, transtorno globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação (MEC, 2008, p. 15)

Ainda destacando os efeitos do Decreto nº 6.571/2008 foram estabelecidas as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica na modalidade Educação Especial, estas diretrizes têm como finalidade a garantia de apoio financeiro, técnico e pedagógico aos sistemas público de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios.

Outro documento jurídico relevante para efetivação do processo de inclusão social é a Lei nº 13.146/2015, instituída em julho de 2015, a denominada Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Esta teve como base a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo assinados na cidade de Nova York, em março de 2007. Através desses documentos, a Organização das Nações Unidas (ONU) buscou defender e garantir condições de vida com dignidade a todas as pessoas com deficiência, sendo estas físicas, motora, intelectual ou sensorial.

Com o Estatuto da Pessoa com Deficiência, a temática passou a ganhar força dentro da academia para que cada vez mais pesquisas no campo estimulem o bem-estar social desses cidadãos que durante séculos foram marginalizadas e excluídos socialmente. Nessa perspectiva, o Artigo 1º destaca que “Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência é destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das

liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.” O Estatuto é um marco regulatório muito importante que assegura os direitos e prever os deveres das pessoas com deficiência, ele atribui responsabilidades para cada entidade, colaborando para formação de uma sociedade inclusiva e igualitária.

A trajetória de luta contra a exclusão da pessoa com necessidade educacional especial faz parte de uma cultura social excludente. Nesse sentido, a Educação Inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, que culmina na defesa do direito de todos os educandos de estarem presentes na escola, em uma sala regular, aprendendo e participando, juntamente com seus pares sem nenhum tipo de discriminação.

3 BREVE RESUMO DA ARTE E SUA HISTÓRIA

A Arte está relacionada às primeiras formas de expressão humana. Assim, desde os primórdios, o homem necessitou externar seus sentimentos, suas ideias e seus comportamentos. As representações gráficas nas cavernas foram as formas de registros de comunicação mais antiga. Com o passar dos tempos, a sociedade foi evoluindo e outras necessidades vão exigir do homem novas formas de se expressões artísticas além dos desenhos.

Vasto e complexo, o estudo da História da Arte acompanha o desenvolvimento do ser humano, ela está dividida em vários períodos históricos: Antiga, Medieval, Renascentista e Moderna, cada fase relata as diversas formas de produções artísticas das inúmeras civilizações ao longo da história humana.

Ao longo da história, a Arte foi subdividindo em estilos: barroco, gótico, romântico, entre outras. “A ideia de estilo repousa sobre o princípio de uma inter-relação de constantes formais no interior da obra de arte.” (COLI 2000, p. 25). Essas características mais ou menos constantes e definidas permitem a identificação da obra de arte produzida pelo autor em um determinado período histórico.

Com o movimento intelectual do Renascimento, a Arte ganha abrangência com a escultura, arquitetura, pintura, música, literatura e outros. A sociedade passava por um momento histórico marcado pela busca de certezas e racionalidade. Vê-se que seja nos tempos remotos ou no atual, a arte pode ser compreendida como a capacidade humana de manifestação cultural primordial para o desenvolvimento do ser crítico.

Adentrando no século no XIX, início do século XX, o mundo passou a conhecer a Arte Moderna com suas obras de arte que buscavam introduzir temáticas contestadoras até então ignoradas pelas expressões artísticas anteriores. Era o momento de rompimento com os padrões vigentes que normalmente seguiam modelos bem estabelecidos e idealizados socialmente.

Na segunda metade do século XX, após a Segunda Guerra Mundial surge a Arte Contemporânea, uma tendência artística que veio de início valorizar o advento Pop-Art. Essa nova visão de arte traz expressões originais e técnicas ousadas que estimulam a reflexão subjetiva, favorecendo a construção de uma nova mentalidade no mundo artístico por meio de uma diversidade de linguagens.

Arte contemporânea é caracterizada pela multiplicidade de formas, técnicas, cores, movimentos e estilos que descrevem suas manifestações artísticas. Michel Archer (2001) no prefácio do seu livro a Arte Contemporânea: uma história concisa diz que: “Quem examinar com atenção a arte dos dias atuais será confrontado com uma desconcertante profusão de estilos, formas, práticas e programas.” Percebe-se nas palavras do autor que a arte na atualidade é plural, é movimento, os artistas têm liberdade para se expressar conforme sua vontade e necessidade.

Diante da liberdade de produzir uma obra de arte, várias são as opções de ferramentas não se limitando apenas à tela, à tinta e o pincel, mas a uma diversidade de material que pode ser utilizado na produção da obra artística, incluindo os pensamentos e as ações dos artistas. Ainda, conforme o pensamento de Archer (2001).

[...] não parece haver mais nenhum material particular que desfrute do privilégio de ser imediatamente reconhecível como material da arte: a arte recente tem utilizado não apenas tinta, metal e pedra, mas também ar, luz, som, palavras, pessoas, comida e muitas outras coisas. (ARCHER, 2001, prefácio)

Com isso, a Arte Contemporânea trouxe novas perspectivas ao possibilitar diferentes formas, técnicas e abrangência de linguagens artísticas, priorizando o conceito, a atitude e a ideia com mudanças significativas no campo da cultura e das artes.

3.1 A ARTE E SUAS LINGUAGENS NO CONTEXTO DA INCLUSÃO ESCOLAR

A Arte como fonte de humanização proporciona aos sujeitos vários benefícios, entre estes a inclusão de crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais na educação escolar, promovendo o diálogo e a participação em questões relativas ao contexto histórico, social e cultural. Assim, as diversas manifestações artísticas propiciam o desenvolvimento integral do ser humano, ajudando a construir sua identidade e transformar o cotidiano. Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que:

[...] a arte na escola tem uma função importante a cumprir. Ela situa o fazer artístico dos alunos como fator humanizador, cultural e histórico, no qual as características da arte podem ser percebidas nos pontos de interação entre o fazer artístico dos alunos e o fazer dos artistas de todos os tempos, que sempre inauguram formas de tornar presente o inexistente. Não se trata de copiar a realidade ou a obra de arte, mas sim de gerar e construir sentidos. (BRASIL, PCN, 1998, p.35)

Pensar a escola como um espaço transformador, explorar percepções e construir conhecimentos do mundo, a Arte é um instrumento fundamental para formação do indivíduo. Assim, a escola deve levar os alunos a conhecer e valorizar a diversidade cultural e promover a interação entre diferentes culturas, elevando o conhecimento e o respeito pelas diferenças. Nas palavras de Souza (2011), as representações artísticas podem expressar acontecimentos políticos e sociais do cotidiano, já que:

A arte possibilita a reflexão no contexto social humano sobre a história e a cultura. Em vários trabalhos artísticos, são apresentadas questões humanas como: problemas sociais e políticos, relações humanas, sonhos, medos, fatos históricos e manifestações culturais. (SOUZA, 2011, p.29)

As linguagens artísticas mudam a mente dos indivíduos, abrindo espaços para a criatividade, o modo de ver o mundo, induz a criticidade, critérios de uma educação transformadora. Vale destacar as palavras de Paulo Freire (1996) ao afirmar que “[...] uma das tarefas precípua da prática educativa é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil.” (FREIRE, 1996, p.35-36) Assim, o ensino de arte na educação inclusiva é uma forma de proporcionar uma formação que leve a valorização da identidade e do autoconhecimento e da criticidade dos sujeitos.

Por intermédio das manifestações artísticas podemos encontrar o reflexo de uma determinada sociedade, seus costumes, seus anseios, suas crenças entre outros, visto que, a arte possibilita, mediante a compreensão de cada um, o estímulo à inteligência, além de aguçar o interesse às diversas formas de pensamento, levando a desenvolver a criatividade e a personalidade de cada sujeito.

A Arte é uma área de conhecimento universal, portanto, não tem fronteiras, através dela chega-se ao belo, o admirável pelas pessoas sem distinção de idade, religião, cor, sexo, nacionalidade, por esse motivo, considera-se a maior forma de integração e de desenvolvimento humano, sendo também uma ferramenta de ocupação, uma forma de crescimento sociocultural.

No trabalho com a arte o indivíduo sente-se livre para imaginar e criar conforme seus desejos e emoções, pois a arte aperfeiçoa o desenvolvimento da imaginação, percepção, observação, raciocínio, senso crítico e a reflexão. Livrando-se na maioria das vezes de sentimentos de incapacidade e de tensões cotidianas.

O ensino de Arte na Educação Especial na perspectiva inclusiva deve levar em consideração que o aluno não está na escola somente na presença física, mas também como um sujeito ativo, histórico e social que chega à escola com concepções de mundo. Com isso, a criação artística desse aluno precisa ser instigada, valorizada pelo professor. Para Vygotsky (2007), todo ser humano é capaz de aprender, pois somos seres históricos e sociais, posto que “[...] as funções mentais superiores são socialmente formadas e culturalmente transmitidas.” (VIGOTSKY, 2007, p. 57). Assim, podemos enfatizar que aprendemos na convivência com a troca entre os pares, na interatividade com o outro. Seguindo essa linha de pensamento, os conteúdos de Arte precisam ser abordados a partir da realidade dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Ao criar formas de trabalhar com os diferentes caminhos das linguagens artísticas, a escola induz o educando a ampliar seus conhecimentos, contribuindo com a sua cultura. Isso acontece na interação com as diferentes linguagens: música, teatro, pinturas, dança, assim, o aluno vai aprendendo a admirar e conhecer cada vez mais as produções artísticas e culturais. Nessa perspectiva destaca os PCN's:

Assim, é papel da escola é estabelecer os vínculos entre os conhecimentos escolares sobre a arte e os modos de produção e aplicação desses conhecimentos na sociedade. Por isso um ensino e aprendizagem de arte que se processe criadoramente poderá contribuir para que conhecer seja também maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, trabalhar muito, esforçar-se e alegrar-se com descobertas. Porque o aluno desfruta na sua própria vida as aprendizagens que realiza. (BRASIL, 1997, p.31)

Nesse sentido, o educando aprende com prazer, pois ele cria e vivencia a sua aprendizagem e ao sentir essa capacidade criadora, significativa, irá relacionar o que aprendeu na escola com o que se passa na vida social, na sua comunidade e em outros espaços buscando novos sentidos. Sobre essa capacidade criadora do homem Vygotsky (2014, p. 3) diz “É justamente a atividade criadora humana que faz do homem um ser que se projeta para o futuro, um ser que cria e modifica o seu presente.”

Dessa forma, o processo de ensino-aprendizagem de arte deve ser algo prazeroso e focado no desenvolvimento dos alunos, envolvendo-os em experiências enriquecedoras capaz de desenvolver um pensamento autônomo, criativo, fatores relevantes para educação inclusiva.

Desenvolver potencialidades em alunos com necessidades especiais exige que a escola propicie um ambiente multiplicador de aprendizagens, pois é preciso compreender as

especificidades inerentes a cada aluno, buscando meios e mecanismos que atenda o perfil de cada necessidade. Segundo Ferraz e Fusari:

O trabalho com a Arte na escola tem uma amplitude limitada, mas, ainda assim há possibilidades dessa ação educativa ser quantitativamente e qualitativamente bem-feita, para isso, seu professor precisa encontrar condições de aperfeiçoar-se continuamente, tanto nos saberes artísticos e sua história, quanto em saberes sobre a organização e o desenvolvimento do trabalho de educação escolar em Arte. (FERRAZ & FUSARI, 1999, P. 19-20)

Nas palavras das autoras, percebe-se que além de ser um pesquisador constante, o professor de Arte deve buscar continuamente uma formação para proporcionar uma educação de qualidade para todos. Buscar entender a arte em sua autenticidade e sensibilidade que brota na mais simples atitude humana.

O professor tem um papel fundamental no ensino de Arte. Ele é o mediador e organizador do processo criativo no ambiente escolar. Para exercer essa função é necessário deixar de lado as atividades prontas, reproduzidas automaticamente e sem objetivos pedagógicos coerentes. Todo ser humano tem uma capacidade inventiva, imaginativa que é única. Para que flua essa capacidade é preciso que o educador crie situações instigantes que induzam à criatividade dos alunos.

4 METODOLOGIA

Este trabalho propõe mostrar a Arte como instrumento de humanização, especialmente, as artes visuais para o processo de inclusão de alunos com necessidades especiais nas salas de aula regular. Inicialmente é apresentado um relato de experiência vivenciado como apoio escolar em duas escolas da rede municipal de Campina Grande-PB.

Como relato de experiência, entendemos que consiste em sistematizar experiências vividas. Após a apresentação, segue a análise de uma pesquisa com professoras do ensino regular anos iniciais, uma vez que sugeriram alguns questionamentos: o que o ensino de Arte vem proporcionando aos alunos com NEE? Quais as dificuldades enfrentadas no processo de inclusão desses alunos? Quais os conteúdos estudados para preparação das aulas?

Para a obtenção das informações relacionadas ao ensino de Arte optou-se pela pesquisa qualitativa. Conforme esclarece Goldenberg (2004, p. 49), “Os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social.” Pois, entende-se que esta busca compreender com detalhes, os significados e características situacionais apresentadas pelos sujeitos pesquisados.

A intenção pela temática partiu do diferencial que a Arte proporciona aos alunos com necessidades educacionais especiais nas salas regulares, visto que esta possibilita novas oportunidades para criarem conforme suas potencialidades imaginativas. Para embasamento da pesquisa, apresentam-se alguns registros retirados de arquivo próprio referente aos anos 2017 e 2019. Tem como participantes uma criança de cinco anos, de idade, autista, não verbal, matriculada na pré-escola, turno manhã em uma escola situada no bairro Bodocongó, Campina Grande-PB, e um adolescente de treze anos, com deficiência intelectual, matriculado no 4º ano, turno manhã em uma escola do mesmo bairro. No entanto, no intuito de preservar a imagem dos referidos alunos, estes serão identificados como estão descritos nesse parágrafo.

Os participantes da pesquisa são seis professoras que atuam em salas de ensino regular em quatro escolas da rede municipal de Campina Grande-PB, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, por conta do momento de pandemia foram elaborados e encaminhados pelo *Google Forms* questionários para coleta de dados com questões abertas e fechadas, sendo enviados aos professores via *email* e *whatsapp*, como também foram previamente informadas sobre o objetivo da pesquisa, sua autonomia quanto à participação ou recusa, o anonimato, entre outros direitos. Só após o consentimento das participantes, procedeu-se à coleta de

dados. Com a finalidade de resguardar e preservar as identidades das docentes, estas estão identificadas com os códigos P1, P1, P3, P4, P5 e P6.

Os questionários contêm treze questões abertas e fechadas com foco na: formação docente; experiência profissional; dificuldades enfrentadas na escola quanto à inclusão de alunos com NEE; dificuldades enfrentadas por alunos no processo de interação e socialização na escola; concepção de Arte; o que a arte proporciona aos alunos com NEE; conteúdos estudados para preparação das aulas; se faz uso de livro didático, dentre outras.

As quatro escolas em que as participantes trabalham são desenvolvidos trabalhos pedagógicos a partir dos eixos temáticos propostos pela SEDUC/CG, com os mesmos padrões de ensino para todas. Duas professoras trabalham em uma mesma escola no bairro Pedregal, está conta com uma estrutura física apropriada para atende à demanda inclusiva, um pátio para recreação, porém não dispõe de sala de recursos multifuncionais, ou seja, sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). O funcionamento só acontece no turno da tarde com a Educação Infantil (pré-escolas) e os anos iniciais do (1º ao 5º ano) do ensino fundamental.

As demais professoras atuam em outras três escolas, situadas nos bairros: Monte Santo, Santa Rosa e Araxá. Todas atendem um público considerado de classe média baixa, com o atendimento desde a educação infantil (pré-escolas), aos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano). No horário noturno atende a Educação de Jovens e Adultos (EJA). As estruturas físicas estão dentro dos padrões de uma escola inclusiva, dispondo de salas de recursos multifuncionais.

Como aporte teórico, a pesquisa buscou a contribuição de pesquisadores como: Archer (2001); Cadermatori (1986); Carvalho (2012); Coli (1990); Ferraz & Fusari (1999); Freire (1996); Mazzota (1999) Montoan (2015); Vigotski (2014) e outras pesquisas acadêmicas disponíveis para consulta sobre a temática: dissertações, monografias e outros documentos necessários a construção desse trabalho.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

5.1 O RELATO DA VIVÊNCIA DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS COM A ARTE

Na incumbência de mediar o processo de ensino e aprendizagem de alunos com Necessidades Educacionais Especiais foi possível refletir sobre a importância da Arte no contexto da educação inclusiva na formação integral desses alunos, pois ela é capaz de transformar o estudante por meio da fantasia, da descoberta e da aventura, possibilitando o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade, como também um instrumento de reforço à autoestima.

É importante frisar que as experiências descritas foram muito gratificantes, isso foi possível porque contou-se com a ajuda dos pais dos alunos. Já é notório que a participação da família é de fundamental importância no processo de aprendizagem, uma vez que grande parte do sucesso no desenvolvimento dos filhos depende desse envolvimento. Todavia, nem sempre é o que acontece, já que, escola e família, na maioria das vezes, deixam de cumprir seus papéis nesse processo, um problema que gera incertezas e inseguranças, prejudicando o desenvolvimento de muitas crianças e adolescentes.

Durante esse percurso, foram vivenciados diversos momentos de aprendizagens significativas através da arte. As contribuições dela no processo de inclusão foram visíveis, pois vão desde a alteração no comportamento, melhora na interação, concentração na execução das atividades artísticas, autonomia, participação, entre outras.

Uma das mais marcantes experiências com a arte foi com uma aluna com cinco anos de idade, autista, não verbal, comportamentos repetitivos, dificuldades de concentração. Desde do primeiro dia de aula, ela entrava na escola, mas rejeitava a sala de aula, diante da situação, buscou-se estudar maneiras de passar segurança e conquistá-la.

Sem uma causa específica, o autismo é denominado de Síndrome, e como tal, o grau de comprometimento pode variar do mais severo ao mais brando e atinge todas as classes sociais, em todo o mundo. Mello (2007) afirma que:

Autismo é uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação. (MELLO, 2007, p. 16)

Assim, com a chegada de uma criança, um adolescente ou um adulto com TEA no contexto escolar, a instituição deve considerar todos os aspectos característicos do transtorno e buscar capacitação para professores, técnicos e demais funcionários para que de fato aconteça uma inclusão de qualidade e verdadeira. Pois, para além das leis que regulamentam o processo de inclusão é preciso mudança de atitudes, um trabalho mais humanizado.

O apoio escolar de crianças e adolescentes autistas deve descobrir os interesses das crianças e adolescentes para facilitar o aprendizado deles. Foi pensando assim e acreditando na magia, no encantamento dos contos, das fábulas, nas imagens desse mundo encantado que, em uma manhã, no pátio da escola, em uma mesa foram colocados alguns livros de histórias infantis, então foi iniciada a leitura, sempre procurando mostrar as imagens de cada página, fixando-as bem nos seus olhos. Notou-se que, enquanto se lia, ela ficava olhando admirada, concentrada, ouvindo a história, olhava e ria, batia palmas, em seguida, olhava para o universo, voltava a rir e bater palmas.

Quanto ao reforço da leitura imagética, sabe-se que ela é fundamental para prender a atenção das crianças, no caso de crianças autistas é indispensável para estimular interesses. Nesse sentido Lígia Cadermatori (1986) destaca que:

Através da imagem visual, os livros [...] estimulam o interesse ativo da mente em relação ao objeto. Recorrendo à percepção visual para chegar ao pensamento, os signos visuais, através de suas propriedades, induzem conceitos. Considere-se que a apreensão das formas é o meio de percepção mais espontânea, sobre o qual se constroem, posteriormente, os conceitos, o procedimento analítico, a reflexividade [...]. O desenvolvimento da compreensão visual é, portanto, uma etapa básica e importante do desenvolvimento que a leitura requer.

A partir de então, foi percebido que a arte literária seria uma importante aliada no processo de inclusão da criança na sala de aula, pois, era visível as expressões de prazer e alegria que os livros lhe proporcionavam. Assim, percebe-se a importância de possibilitar aos alunos, seja com Necessidade Educacionais Especiais ou não, outras formas de interagir e de responder às exigências da vida e do mundo.

Dias depois, foi organizado um espaço prazeroso com livros, cartazes na sala de aula, então sem nenhuma reação, ela entrou, se dirigiu à mesa onde estavam os livros, sentou-se, pegou um livrinho e entregou para leitura. A partir daí, ela passou a entrar na sala de aula, e aos poucos foi aceitando os materiais antes rejeitados lápis, pincel, tinta.

Para o ambiente ficar mais propício, foi preparada uma caixa com diversos livros de histórias infantis (contos, fábulas, lendas, gibis da turma da mônica) bem ao alcance da aluna, a escolha partia dela, que antes de ser entregue para leitura era folheado seguido de muitos risos e palmas. Algumas vezes, por conta das particularidades da aluna, as histórias eram resumidas para não ficarem cansativas. Com o tempo, pediu-se para ela fazer desenhos, pintar. Assim, ela produziu uns desenhos livres, seguindo o imaginário dela. Assim, destaca Vigotski (2014, p. 107) “No desenvolvimento da criatividade artística infantil, incluindo as artes visuais deve observar-se o princípio da liberdade como condição essencial de toda a criação.” Outros conforme a interpretação de alguns livros lidos como a história de João e Maria dos Irmãos Grimm, a Ponte de Eliandro Rocha e Girassol Solitário de Sandra Diniz Costa.

Figura 1: Desenhos produzidos pela aluna



Fonte: Autor

É perceptível o potencial da literatura e da arte para o processo de inclusão no contexto escolar, estas estimulam a criatividade, a autoconfiança e ajudam na compreensão do mundo que a cerca, e ainda melhora a concentração dos indivíduos. Para tanto, é

imprescindível acreditar na capacidade do outro, para que expresse aquilo que lhe é significativo.

Somos rodeados por cores, luzes, figuras e símbolos o que nos leva a entender que significados das expressões dos desenhos da criança são culturais e produto das suas experiências com os objetos reais, mediada pela palavra. Conforme aponta Ferreira, (1998, p.35) “A percepção da criança é configurada pelos significados culturalmente produzidos e seu desenho é indicativo disso.” O desenho como qualquer outra linguagem se encontra no imaginário do ser humano, sendo para criança uma ferramenta de fácil expressão.

A Arte é uma linguagem que favorece o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos, proporcionando uma formação humana integral. Cotidianamente, ela pode criar um leque de possibilidades ao revelar para os alunos um mundo em constante transformação e conquistas, para as pessoas com necessidades especiais isso é bastante relevante, pois precisam de estímulos para demonstrarem suas potencialidades. Essa sensação de prazer foi observada ao final das atividades propostas pintura, desenho, colagem, pois estava escrito nos olhos alegres, nas palmas, nos sorrisos da aluna em questão. Portanto, a arte é uma ferramenta fundamental e necessária ao ser humano, ela deve estar presente não só no ambiente escolar, como também no doméstico e social. Nesse sentido, Rutz (2010) afirma que:

A arte se mostra importante tanto no currículo como na vida, pois resgata e trabalha no afloramento e qualificação da sensibilidade no ser humano, sendo assim uma condutora da humanização do mesmo, e isso pode ser constatado principalmente no viés da Educação Inclusiva. (Rutz, 2010, pg.8)

Vê-se nas palavras da autora a relevância da arte no currículo escolar e na vida dos indivíduos, visto que, a Arte como área do conhecimento envolve um amplo e diversos conhecimentos que irão direcionar o ser humano para um novo olhar sobre a realidade.

Outro momento marcante que a linguagem artística possibilitou prazer, motivação foi vivenciado com um adolescente de 13 anos com deficiência intelectual em uma turma do 4º ano. Ele estava passando por momentos complicados com a família, isso refletia no ambiente escolar, pois ela ficava agressivo, chorava, irritado. Então, buscou-se trazer atividades que instigasse o interesse dele, com isso, foi planejado e apresentado Romero Britto e seus desenhos, iniciando pela história do autor, influência da arte pop, onde nasceu, a condição de menino pobre, seu interesse e talento pelas artes, a imaginação e a criatividade com as

sucatas, o papelão e o jornal, enfim, como ele se tornou um grande artista reconhecido mundialmente.

Como o aluno entendia um pouco de computador pediu-se uma pesquisa sobre o trabalho do autor, o resultado foi surpreendente, fez a pesquisa, pediu para mãe imprimir alguns desenhos e levou-os para escola. Os traços geométricos, as formas e as cores, características marcantes de autor encantaram o aluno que passou a mostrar interesse, participação pelas aulas, especialmente nas aulas de Arte.

Sabe-se que a arte na vida do ser humano tem um poder transformador, assim, além das experiências adquiridas no convívio social é necessário que a escola apresente aos alunos novas possibilidades de se fazer arte a partir de artistas que sejam referências, com isso podemos estimular no aluno suas potencialidades criadoras, visto que “A verdadeira educação consiste em despertar na criança aquilo que ela já tem em si, ajudá-la a desenvolvê-lo e orientar seu desenvolvimento em determinada direção.” (VIGOTSKI, 2014, p. 61).

Figura 2: Desenhos produzidos pelo aluno



Fonte: Autor

Toda criança traz da sua casa, da sua comunidade uma grande diversidade de conhecimentos, faz necessário valorizá-los isso reforça a autoestima e ajuda a vencer as barreiras, dificuldade, proporcionando prazer, significado naquilo que aprende. Portanto, desenvolver o potencial criador e estético dos alunos sejam eles com necessidades especiais ou não é papel do professor mediador.

Enquanto discente da UEPB, durante as aulas do componente curricular Ensino de Arte, sétimo período, semestre 2019.1, a professora Ma. Rosemary Alves instigou a turma, futuros pedagogos e professores de Arte a trabalharem com outras perspectivas para além dos desenhos prontos que encontramos facilmente. Foi disponibilizado nesse período, textos para leitura e discussões sobre Arte o que desmistificou alguns conceitos construídos sobre o ensino de Arte ao longo da nossa escolarização. Foram várias consultas a livros e obras de vários autores, indicações de *sites* relevantes à temática, visita a museus, indicações de filmes sobre a temática, a exemplo do filme indiano de Aamir Khan Como estrelas na terra que foi assistido e discutido na aula de aula.

5.2 O ENSINO DE ARTES NAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE – PB

Continuando com as discussões sobre a temática, segue as análises da pesquisa desenvolvida referente ao Ensino de Artes no processo inclusivo nos anos iniciais do Ensino Fundamental nas escolas da rede municipal de Campina Grande-PB. No Quadros 1 apresentamos: a identificação e o perfil das professoras participantes.

Quadro 1: Identificação e perfil das professoras

Identificação	Formação	Tempo na rede	Tempo na escola	Turma/Deficiência
Professora 1	Pedagogia	5 anos	5 anos	1ºAno - Paralisia Cerebral
Professora 2	Pedagogia	12 anos	12 anos	2ºAno – Autismo
Professora 3	Pedagogia	18 anos	5 anos	3º Ano – Autismo
Professora 4	Pedagogia	17 anos	11 anos	1º Ano – Autismo

Professora 5	Pedagogia	16 anos	4 anos	2º Ano – Down e Deficiência Mental
Professora 6	Pedagogia	2 anos	2 anos	4º Ano – Autismo e Paralisia Cerebral

Fonte: Autor

As professoras informantes, quatro são efetivas, isto é, foram admitidas no serviço público por meio de concurso de provas e títulos, regulamentada pelo Plano de Cargo e Carreira e Renumeração. Enquanto, a primeira e a última são prestadoras de serviço temporário. Todas com Licenciatura em Pedagogia e com no mínimo dois anos de serviço na rede, como também nas escolas. Quanto as deficiências, conforme informado nos questionários, há uma predominância nas matrículas de alunos com autismo.

Na sequência procuramos adentrar nas questões referentes ao cotidiano da sala de aula, saber quais as principais dificuldades enfrentadas pelos professores nas escolas quanto à inclusão de alunos com Necessidades Educacionais Especiais, visto à importância do acesso e a permanência de todas as crianças nos estabelecimentos de ensino regular, como também as dificuldades desses alunos com a interação e socialização no referido ambiente. Segue o Quadro 2

Quadro 2: Inclusão escolar: dificuldades

Professores	Dificuldades enfrentadas para inclusão de alunos NEE	Dificuldades dos alunos na interação e socialização
P1	Falta de apoio do profissional da Sala de Recursos Multifuncionais	A superproteção da família fragiliza e dificulta o processo de inclusão dos filhos, prejudicando o desenvolvimento dos filhos
P2	Formação para professores da sala regular e material didático adequado.	Não há problemas, os colegas sempre estão preocupados, ajudam e protegem.
P3	Falta de compromisso das famílias e material específico para trabalhar com alunos NEE.	Adaptarem a rotina da sala da aula, da escola.
P4	Falta de formação específica para os professores da sala regular.	Adaptação ao ambiente escolar que é para todos.
P5	Falta de formação para os professores da sala regular.	Adaptação a escola e aceitação de alguns professores

P6	A família não ajuda no processo de inclusão dos filhos	Adaptarem ao ambiente escolar.
-----------	--	--------------------------------

Fonte: Autor

Diante do quadro exposto, observamos que as professoras (P2, P4, P5) afirmaram que as dificuldades com a inclusão escolar dos alunos NEE é a falta de formação para os professores e professoras de sala regular. Sabemos que esses profissionais têm um papel primordial na construção de uma educação para todos. Para tanto, devem adquirir habilidades para lidar com práticas de ensino que atenda às necessidades de alunos com NEE, na rede regular de ensino.

Sabemos que a formação continuada para os professores é um recurso em prol da educação, no qual estes devem se apropriar de conhecimentos e competências necessárias para fazer a diferença e enfrentarem os desafios da inclusão escolar, buscando diferentes procedimentos, métodos, estratégias educativas, e assim desenvolverem habilidades artística, reflexivas, motoras e cognitiva dos alunos NEE. A formação deve se assentar num processo contínuo que possibilite reflexões, sensibilidades e humanização quanto às diversidades, às diferenças que chegam à escola constantemente, o que vão exigir dos educadores um diferencial na qualidade de ensino aprendizagem relacionado à inclusão escolar.

Quanto a formação continuada para educadores, a Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/1996, em seu Art. 59, inciso III destaca que os sistemas de ensino assegurarão, aos educandos com necessidades especiais: “[...] professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como, professores do ensino regular, capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns” (BRASIL, 1996)

Ouvimos muito dos professores/professoras as frases: “Não sei lidar com crianças, jovens e adultos com NEE; não sei adaptar as atividades.” A formação continuada, associada à vontade de mudanças, aceitação das diferenças viabilizam o domínio dos conhecimentos pedagógicos tornando-se essencial para fazer a diferença na sala de aula, analisar as práticas educativas com sensibilidade através de reflexão e humanização, visto que, as especificidades dos alunos com necessidades educacionais especiais levam a pensar em novas e variadas formas de planejamento e execução das atividades didáticas, de organização da sala de aula, de interação e socialização.

Já as P3 e P6 destacaram como dificuldades na inclusão de alunos NEE a falta de compromisso dos pais e responsáveis no processo de inclusão filhos é preocupante, pois o

desempenho escolar de crianças e jovens nos aspectos motores/físicos, como emocionalmente e intelectualmente depende do engajamento das famílias, e quando se trata de crianças e jovens com necessidades educativas especiais o envolvimento, participação da família precisar ser intensificada, pois sem o apoio adequado, pouco ou quase nada se pode fazer por esses indivíduos.

O dever da família diante do processo de escolarização e a relevância da presença da mesma no contexto escolar estão publicamente destacados nos documentos oficiais, diretrizes do Ministério da Educação, a exemplo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, e o Estatuto da Criança e do Adolescente lei 8.069/90, entre outros que apontam para os deveres da família e os direitos das crianças e adolescentes.

Sabemos que a participação da família no processo educacional da criança e adolescente é de muita importância, porém, ela deve ser orientada e motivada a colaborar e participar do programa educacional. Enfim, na busca de uma educação integral, instituição escolar e família devem caminhar juntas para atingirem o principal propósito que é o bem-estar e a aprendizagem da criança com necessidades educacionais especiais incluída na rede regular de ensino.

Na visão da P1, as dificuldades enfrentadas pelos professores na inclusão de alunos NEE estão relacionadas a falta de apoio por parte dos profissionais que são primordiais nesse processo e têm como função buscar aprimorar e facilitar um serviço que atenda a especificidade de cada aluno. Portanto, é fundamental que haja colaboração coletiva dos profissionais que atuam no processo de inclusão escolar, inclusive da família, para que possam integralmente desenvolverem os alunos envolvidos nesse processo. Anjos (2011) afirma que o papel do profissional que atua no AEE, é de criar condições plenas para o desenvolvimento dos alunos com deficiência, promovendo a integração dos pais desses alunos e a comunidade escolar com base nos princípios de inclusão. Assim:

Os professores que atuam nas salas de recursos devem participar de maneira colaborativa com o professor da classe comum para a definição de estratégias pedagógicas que favoreçam o acesso ao aluno com deficiência ao currículo e a sua interação no grupo, entre outras ações para promover a inclusão deste aluno, (2011, p.5).

Portanto, fica claro que a proposta inclusiva se dá num processo participativo e integral de toda a comunidade escolar, e à medida que se adotam atitudes positivas e

estimulantes, assim como os alunos com necessidades específicas devem ser avaliados com responsabilidade e ética.

A seguir serão expostos os comentários sobre as abordagens dos professores a respeito das dificuldades dos alunos com NEE quanto a interação e socialização. Nessa questão, as respostas foram direcionadas para um pensamento unânime, já que P3, P4, P5, P6 disseram que as dificuldades desses alunos no processo de interação e socialização na escola estão relacionadas a adaptação ao ambiente, as regras, a rotina das escolas.

Nessa questão é preciso analisar que o espaço escolar atualmente é múltiplo, heterogêneo, cada aluno que adentra nesse ambiente tem suas características próprias que os tornam únicos e especiais, “Todos somos sujeitos únicos, singulares, heterogêneos. Não cabendo plenamente em quaisquer arranjos.” (MANTOAN, 2015, p.84), exigindo do professor/ da professora um novo olhar frente à diversidade de interesses e ritmos de aprendizagens nunca percebidas, posto que, a visão de escola normalizadora tende a continuar padronizar as pessoas mesmo diante dos avanços, de novos paradigmas.

Regras são importantes é preciso respeitá-las, contudo, uma escola inclusiva deve buscar alternativas que garantam o acesso e a permanência de todas as crianças e adolescentes de forma participativa no seu interior. Muitas vezes as práticas do professor ou professora não são motivadoras, significativas é necessário trazer outras estratégias, a exemplo das linguagens não verbais que constituem excelentes processos mediadores da aprendizagem, como: o desenho, a pintura, e outras linguagens não verbais que possibilitam a interação, pautadas na convivência com os pares, na cooperação, atitudes que ajudam a vencer barreiras.

Quando a resposta da P1, sabemos da dificuldade de alguns pais ou responsáveis de alunos NEE têm para lidar com a questão de segurança dos filhos, isso leva a superproteção que, nem sempre é benéfica, pois faz com que a criança ou adolescente criem uma autoimagem de vulnerabilidade, isso pode atrapalhar no desenvolvimento desses alunos, visto que, esse sentimento vai bloquear os estímulos para superar os obstáculos.

Quadro 3: Arte: concepção e significado

Professores	Qual sua Concepções de arte?	Como o trabalho de Arte na sala de aula pode ser significativo?
P1	Expressão do belo reproduzido pelo homem conforme o seu	Quando a criança se encontra é instigada a expressar suas emoções e sentimentos.

	entendimento.	
P2	A Arte é a capacidade que o ser humano tem de expressar seus sentimentos, sua história através das manifestações populares.	Com recursos necessários, o professor planeja atividades que estimula os alunos a desenvolverem suas criatividade.
P3	A Arte é momento lúdico; todas os alunos gostam, inclusive os NEE, com a Arte trabalha todas as dimensões do aprendizado: cognitivo, socioemocionais. É prazeroso.	Todas as formas de Arte: desenhos criados pelos alunos, pintura, arte com papel, tecido, argila, na representação do teatro, da música, da dança. Ela deve estar presente na escola para todos para todas as idades, pois é uma forma dos alunos expressarem suas emoções e sentimentos.
P4	Ao estudar a Arte o aluno desenvolve a criatividade, autoestima é capaz de expressar seus sentimentos, emoções e ideias.	Quando começamos a perceber que a criança sente prazer em realizar as atividades propostas pelo educador.
P5	A Arte é uma forma de representar o que sentimos e pensamos sobre a vida e o mundo.	Trabalhar com a Arte é muito importante, pois, atrai a atenção dos alunos com cores, movimentos, texturas, facilitando a participação e concentração.
P6	A Arte é criatividade, autonomia, sensibilidade. É a ação criadora do ser humano.	É quando deixamos aflorar a criatividade, a sensibilidade das crianças, dos jovens e adultos.

Fonte: Autora

Na abordagem sobre qual sua concepção de Arte? Percebemos que todas as professoras responderam a questão expiradas no que ela representa para cada uma. Desde expressão do belo, uma forma de expressão do ser humano, a Arte e criatividade, autonomia, sensibilidade, eleva a autoestima e aflora ideias. A necessidade do ser humano se expressa por meio da arte é bastante remota. Os PCNs (2001, p. 21) afirmam que “Desde o início da história a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais.” Assim, a arte esteve presente significativamente no cotidiano do homem, percebeu-se nas expressões entusiastas colocadas pelas professoras. Atualmente, a Arte é introduzida nas instituições escolares com a finalidade de promover a autonomia e a criatividade dos alunos.

Essa forma autônoma e criativa que a arte revela é destacada pelas professoras quando perguntado como o trabalho como a arte na sala de aula pode ser significativo. As respostas foram valiosas para a pesquisa, pois, percebemos nas palavras das participantes o prazer no

fazer dos alunos e as diversas possibilidades de esse fazer para “todos”, conforme descreve P3. Para Fischer (1987, p. 20), “A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas, a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente.” É nessa condição de conhecer e mudar o mundo que a arte possibilita aos alunos, de maneira espontânea, mostrar suas especificidades, suas diferentes histórias, exteriorizando sentimentos, medos, fantasias e anseios.

Quadro 4: Mudanças observadas, conteúdos estudados e Livro Didático

Professores	Mudanças observadas nos alunos NEE nas aulas de arte.	Conteúdos estudados para preparar aulas de arte	Usa Livro Didático? Qual (is)?
P1	Ficam mais engajados nas atividades propostas.	Pesquisa sobre Artes integradas e visuais.	Não.
P2	Ficam calmos, concentrados e participativos	Biografias de artistas plásticos.	Sim. Novo Pitangá Arte da Editora Moderna
P3	Melhoram a concentração, autoestima, interação e socialização	Não informou	Sim. Novo Pitangá Arte da Editora Moderna.
P4	Procuram tomar iniciativas, interagem e participam das aulas.	Segue os eixos temáticos da rede municipal.	Sim. Novo Pitangá Arte.
P5	Eles participam, interagem, procuram ser autônomos	Procura estudar e analisar os conteúdos vistos na Universidade e Pesquisa biografia, entre outros.	Sim. Novo Pitangá Arte.
P6	Melhoram a autoestima e a autonomia e a concentração.	Não informou.	Não.

Fonte: Autora

Na questão referente as mudanças observadas nos alunos durante as aulas de Arte percebemos nos depoimentos das professoras que aulas são bastante significativas para a inclusão escolar desses alunos. As respostas enunciadas foram maior engajamento, autonomia, concentração, autoestima, socialização, entre outras, assim, quando há um

planejamento, um foco as linguagens artísticas são instrumentos que potencializam desenvolvimento cognitivo, afetivo e aumento da autoestima, contribuindo para um ambiente escolar agradável, libertador e criativo para os alunos com NEE. É esta a educação como prática da liberdade defendida por Freire (2015) ao afirmar que: “[...] a educação como prática de liberdade implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens.” Esse modelo de educação citada por Freire dá ao aluno com NEE a afirmação, a ideia de pertencimento e não de negação do seu mundo, de sua realidade, possibilitando a capacidade criadora.

Como ficou evidente nas respostas das professoras, a Arte é uma importante ferramenta no processo de inclusão, de superação, posto que, ela trabalha com seu processo criador, com a experiência estética, o sentimento, a emoção, a afetividade, a sensibilidade, proporcionando aos indivíduos o desenvolvimento de novas habilidades. Porém, é preciso considerar os interesses, as vivências e linguagens dos alunos, incluindo os com NEE e planejamento, como qualquer outro componente, para que não fique em uma simples atividades de recreação ou enfeite. Como afirma Barbosa (1998):

A Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. A arte não é enfeite. A arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário e o conteúdo. Como conteúdo, Arte representa o melhor do ser humano. (BARBOSA, 1998, p.54)

Percebeu-se nas palavras da autora a importância da arte para educação. Entretanto, o Ensino de Arte não vem recebendo o merecido reconhecimento, ainda é pouco valorizado tanto nas redes públicas como privadas, apesar da sua relevância para a formação humana em diversos sentidos.

Quanto ao questionamento sobre os conteúdos estudados para preparar as aulas de arte, os depoimentos foram bem diversificados referente à fonte de informação, isso nos leva a entender que as professoras estão pesquisando, buscando conhecimentos para aperfeiçoar a prática do ensino de Arte, como disse Freire (1996, p.32) “Pesquise para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade; e continua, “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino.” Essa precisa ser o caminho dos professores e professoras transformadores.

Na questão sobre a utilização de Livro Didático e qual, caso use, observamos que quatro professoras afirmaram fazer uso desse instrumento, o livro informado faz parte de

mesma editora. A escolarização tem suporte pedagógico o LD que atende tanto ao aluno quanto ao professor. Sabe-se que adoção dele é temática polêmica, pois, diante da amplitude e dinamismo da Arte, o LD é considerado estático, normalmente reducionista e cerceador da liberdade. Constituído a partir de conhecimentos prontos e propostas de atividades são previsíveis segue conforme cada movimento artístico explorado nas salas de aula não favorecendo a experimentação e autonomia dos alunos.

O LD é idealizado como um espaço fechado de sentidos, isso engessa as inúmeras oportunidades que o processo ensino a aprendizagem deve propor nos espaços escolares. Porém, é preciso entender que diante de algumas situações, ele é o único material de consulta “[...] não raro, o(s) livro(s) didático(s) corresponde(m) à única fonte de consulta e de leitura dos professores e dos alunos.” (CORACINI, 2011, p. 17). Já as P1 e P6 disseram não fazer uso do LD nas aulas de Artes.

Em síntese, diante das respostas das professoras, concluímos que elas procuram desenvolver suas práticas fundamentadas nos conhecimentos que possuem, mas conforme os depoimentos delas, é necessária uma formação mais específica e continuada para lidar com mais segurança com a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais. Quanto a Arte, vimos que ela é um instrumento fundamental para o processo de inclusão escolar, uma vez que, o trabalho com a arte reforça a autoestima e a autonomia dos alunos com NEE, fatores importantes para superação de barreiras e dificuldades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, vimos que o Ensino de Arte para as pessoas com necessidades educativas especiais deve proporcionar-lhes oportunidade de desenvolver suas capacidades por meio da percepção, da criatividade, da sensibilidade. Para tanto, é necessário ser planejado e mediado por professores(as) e profissionais de apoio que tenham uma visão esclarecida sobre a importância desse processo de inclusão para formação humana. Pois, sabe-se que linguagem artística é inerente ao ser humano, ela se desenvolve e se fortalece no meio das manifestações culturais e induz à experimentação, descoberta de novos mundos e de si mesmo, o que é importante para o aluno com NEE.

Todo ser humano tem um poder criador. Dessa forma, a arte oportuniza inúmeras formas de representação do mundo e de interação com o outro. Por isso, podemos afirmar que a arte tem grande potencial para a inclusão de pessoas com NEE, pois, viabiliza a comunicação desses indivíduos de um modo próprio, criativo, autônomo e não-convencional.

Ao decorrer da pesquisa observamos que as diversas linguagens artísticas vêm provando seu êxito como instrumento de inclusão auxiliando no aprendizado de crianças, jovens e adultos no contexto escolar. Para tanto, Arte e Educação Inclusiva precisam caminharem juntas no intuito de potencializar o desenvolvimento integral desses alunos, estimulando a criatividade, as habilidades motoras, e a expressividade por meio de atividades pedagógicas diferenciadas e estimulantes.

A inclusão é um processo que envolve escola, família e comunidade escolar, resultados positivos e negativos desse processo dependem do cumprimento das funções e do engajamento dessas partes caso contrário, as leis não incluem por si só, posto que, a inclusão exige uma mudança de paradigma nas políticas, nos projetos educacionais, como também na mentalidade das pessoas.

Quanto a função do profissional apoio escolar é de muita relevância para efetivação do processo de inclusão, porém, enfrenta inúmeros desafios, um deles é ter que agir de forma isolada sem apoio necessário da equipe, isso gera insegurança e incertezas quanto ao desenvolvimento do trabalho. Vale reforçar que nos casos o apoio da família foi decisivo.

Com a formação inicial, o professor(a) está habilitado(a) para assumir uma sala de aula, no entanto, uma formação continuada é primordial para se adequar às necessidades do ambiente escolar, especialmente, quando se trata da inclusão escolar que exige da prática desse profissional um interpretar, repensar diferente, propor métodos alternativos e

metodológicos que atendam as singularidades dos alunos com NEE, tornando o processo ensino aprendizagem mais humano, justo e democrático. É o espaço escolar que propicia as questões de grupo, de socialização, de interação as quais são fundamentais para crianças, adolescentes e adultos com NEE aprenderem a conviver com outras pessoas e não apenas aquelas que fazem parte de seu convívio familiar. Nesse sentido, vale ressaltar que, a escola deve se adequar as necessidades desses alunos, não o contrário como muitos profissionais pensam.

Salienta-se ainda a importância da motivação, da confiança, que o professor(a) e o apoio escolar devem passar para os alunos, esses fatores são relevantes para que a inclusão se realize na prática, o trabalho desses profissionais e os demais envolvidos no processo precisa ser coletivo, não ações isoladas, fragmentadas. A escola só não forma sujeitos competitivos para atender as exigências do mercado de trabalho, ela deve desenvolver a humanização, a conscientização, a ética do ser humano, é nessa perspectiva que a Arte se evidencia como uma grande aliada no processo de inclusão na escolarização.

Concluimos afirmando que a temática abordada é ampla e precisa de mais pesquisas para troca de experiências e aprofundamento nas discussões, diante disso, torna-se relevante o empenho de novos estudos para consultas posteriores na literatura.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Isa Regina Santos dos. **O Atendimento Educacional Especializado em Salas de Recursos**. Itabaiana: Gepiadde, Ano 5, V. 9, p. 1-11, jan/ jun. 2011
- ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998.
- BRASIL Casa Civil. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Casa Civil, 1988. Disponível em: [Constituição \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acesso em: 25/agosto/2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9394/96**, 20 de dezembro de 1996. Estabelece Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: [L9394 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br) Acesso em: 30/agosto/2021.
- BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais** para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF.
- BRASIL. Ministério da Educação. Casa Civil. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Capítulo I, Artigo I. Disponível em: [L13146 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br) Acesso em: 30/agosto/2021
- CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- CAMPOS, R. H. F, **Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação** Estudos Avançados, São Paulo, vol. 17, num. 49, PP. 209-323, 2003
- CARVALHO, Rosita Edier. **Educação Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico**. Ed. Mediação, São Paulo, 2012.
- CARVALHO, Rosita Edier. **Educação inclusiva: com os pingos nos "is"**. 4. ed. Porto Alegre: Ed. Meditação, 2016.
- COLI, Jorge. **O que é Arte**. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA E LINHA DE AÇÃO SOBRE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS. Brasília: Corde, 1994.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Resende. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1999
- FERREIRA, Sueli. **Imaginação e Linguagem no Desenho da Criança**. Campinas: Papyrus, 1998.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987. 254 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 19 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 59 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015

MAZZOTTA, Marcos J. S. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático**. 5 ed. São Paulo: AMA. Brasília: CORDE, 2007.

MONTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão Escolar o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015

MONTOAN, Maria Tereza Eglér. **O Desafio das Diferenças nas Escolas**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

RUTZ, Tais B. **Educação Inclusiva e Ensino de Arte, Percalços entre teoria e prática**. 2010. . 27f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação: Licenciatura em Artes Visuais) - Instituto de Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

SOUZA, D. M. Autoridade, autoria e livro didático. In: CORACINI, M. J. (Org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. Campinas: Pontes, 2011, p. 27-31.

SOUZA, Magma Maria Marques. **Construções da Arte na Educação Inclusiva**. Curso de Especialização em Educação e Inclusão Escolar – UAB/UNB 2011.

SOUZA, D. M. Autoridade, autoria e livro didático. In: CORACINI, M. J. (Org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. Campinas: Pontes, 2011, p. 27-31.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. [Adotada pela Conferencia Mundial sobre Educação para Necessidades Especiais]. Acesso e Qualidade, realizada em Salamanca, Espanha, entre 7 e 10 de junho de 1994. Genebra, UNESCO 1994.

VIGOTSKY, Lev S. **Imaginação e Criatividades na Infância**. Tradução João Pedro Fróis. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.

VIGOTSKY, Levi S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7 ed. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICE A: FORMULÁRIO PARA COLETA DE DADOS

Formulário para coleta de dados

Este formulário faz parte de uma pesquisa para coleta de dados sobre a importância da arte no trabalho com as crianças com

Necessidades Educacionais Especiais realizado pela pesquisadora Maria da Guia Gomes como parte do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

*Obrigatório

1. Nome: *

2. Qual é a sua formação? *

3. Quanto tempo de serviço na rede municipal? *

4. Quanto tempo de serviço na escola atual? *

5. Que ano você trabalha? *

6. Na turma em que você trabalha ou nas turmas tem aluno com Necessidades Educacionais Especiais? Caso sim, descrever o tipo *

7. Quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores na escola em relação à inclusão dos alunos com NEE? *

8. Quais as maiores dificuldades que os alunos portadores de NEE enfrentam durante o processo de interação e socialização? *

9. Qual a sua concepção sobre a Arte? *

10. De que forma o trabalho com a Arte na sala de aula pode ser significativo? *

11. Qual ou quais mudança(s) positiva(s) você observou no(s) aluno(s) com NEE durante as aulas de Arte? *

12. Quais os conteúdos de Arte você estudou para preparar suas aulas? *

13. Você usa Livro Didático de Arte? Caso sim, qual? *
